

A PARÁFRASE EM ESTUDO À LUZ DA PERSPECTIVA TEXTUAL INTERATIVA

Maria Vaneide de Melo Santana Lopes

Universidade de Pernambuco – PROFLETRAS - Campus Mata Norte
mvmsantana@yahoo.com.br

Introdução

De modo geral, a língua se manifesta por meio da oralidade e da escrita e da relação entre elas. De acordo com Koch e Oesterreicher (2013), essa relação tornou-se um dos objetos centrais da pesquisa na área da Linguística nos últimos anos.

Considerando a linguagem como interação social entre interlocutores, estudiosos, como (MARCUSCHI, 2010), (FÁVERO, 2005), (PRETI, 2006, 2009) tentam, baseados em seus estudos, estabelecer a relação entre oralidade e escrita. Para Marcuschi (2010), o oral e o escrito se instituem em um *continuum*, pois fala e escrita, dependendo do contexto de materialização, podem possuir objetivos semelhantes que se completam proporcionando entre ambas uma continuidade.

Apesar disso, a escola do século XXI ainda tem discutido pouco sobre a temática. Isso ocorre mesmo tendo como norteador Documentos Oficiais que preveem o ensino não dicotômico da língua. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, por exemplo, trouxeram uma proposta fundamentada na importância do ensino reflexivo que tenha como base tanto os gêneros escritos quanto os orais.

O estado de Pernambuco, ao criar os Parâmetros para Educação Básica de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio, em 2012, à luz dos PCN (1998), além de primar pelo ensino da escrita e da oralidade, através da produção textual baseada em gêneros, ainda prevê, na página 62, a relação entre o oral e o escrito propondo situações nas quais haja esse engajamento.

Desse modo, assumimos como norteadora dessa investigação a hipótese de que os estudantes concluintes do Ensino Fundamental - anos finais – podem empregar, em produções de textos escritos, recursos constitutivos da modalidade oral, assim como a paráfrase (JUBRAN, 2006), não apresentando apropriação consciente desse uso e podendo não conhecer o valor semântico provocado por eles no discurso.

Para a confirmação de nossa hipótese, partiremos para produção e análise do texto de divulgação científica, aqui entendido como um gênero do ato de informar que, segundo Hilgert (2009, p. 219), é, “por princípio, uma paráfrase explicativa do texto original”, e, que, para atingir seu propósito comunicativo, pode utilizar-se de recursos orais para tornar o texto mais próximo do leitor.

Assim, o objetivo principal desta pesquisa é explorar a utilização da paráfrase como recurso de reformulação textual que mantém o *continuum* entre o gênero oral e o escrito, em textos de divulgação científica infantojuvenil, produzidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, em escola da Rede Pública municipal. Pretendemos demonstrar que o

parafaseamento é um dos recursos que estabelece a relação entre os textos escritos e orais, mantendo o *continuum* entre os gêneros.

Para fundamentar teoricamente nosso estudo, recorreremos ao entendimento da escola de Genebra com os ideais de Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004), que nos trazem ensinamentos referentes à sequência didática. Fundamentaremos-nos também nos estudos de Marcuschi (2008, 2010), que apontam uma relação não-dicotômica entre oralidade e escrita fundada nos gêneros textuais; em Hilgert (2009, 2015), com estudos sobre parafaseamento à luz da perspectiva textual interativa, Jubran e Koch (2006), as quais corroborarão para conclusão deste estudo.

Metodologia

Essa análise que tem como propósito primordial investigar as ocorrências do parafaseamento na escrita dos estudantes se sustentará em uma pesquisa-ação de caráter qualitativo, através da qual, em conformidade com Franco (2005, p.486), “o sujeito deve tomar consciência das transformações que vão ocorrendo em si próprio e no processo.” Os estudantes precisam entender o escopo de se estudar tal proposta e se sentirem parte dessa transformação formativa.

A análise se efetivará através de levantamentos de dados investigativos obtidos após o desenvolvimento de uma sequência didática adaptada, à luz dos ensinamentos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), que propõem um ensinamento de gêneros textuais através de sequência didática. Fizemos essa escolha porque comungamos dos ideais de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.83), “As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis”, como é o caso de texto de divulgação científica, gênero pouco estudado no âmbito escolar.

Como público alvo, optamos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental pelo fato de ser uma turma finalista de uma das etapas de ensino vigentes no país e por ser composta de vinte e um alunos, quantidade que consideramos significativa para o trabalho proposto.

O *corpus* de nossa pesquisa serão os textos de divulgação científica infantojuvenil produzidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, da Rede Pública municipal de ensino, do município de João Alfredo- PE. Irão compor o *corpus* dessa pesquisa dez textos que melhor atenderem à proposta comunicativa do gênero estudado, seguindo as orientações durante a intervenção didática.

As atividades da intervenção serão divididas em cinco módulos, distribuídos em dez aulas, no período de duas semanas. O processo seguirá a adaptação feita da estrutura de base da sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Inicialmente faremos a apresentação da proposta de estudo do gênero de divulgação científica incluindo como motivação a leitura visual de imagens que retratem temas que os adolescentes costumam ter interesse e, a partir dessa demonstração, daremos início a debates relacionados aos temas sugeridos pelas imagens. Seguidamente, será realizada a leitura do texto de divulgação científica da revista Ciência Hoje das crianças (Ano 27, nº 253, 2014, p. 12): “Por que tomate não é fruta”, de modo que os estudantes entendam que suas produções devem ter uma linguagem atrativa e clara.

Posterior à motivação, colocaremos os alunos em condições de produção textual iniciando com a leitura, individual, de textos científicos que nortearão a primeira produção de texto de divulgação científica.

No terceiro módulo, realizaremos a leitura do texto de divulgação científica: Gelatina: doce curiosidade, da revista Ciência Hoje das crianças, ano 20, nº 181, jul., 2007, com o objetivo de estudar as características do gênero: texto de divulgação científica (atividade impressa). Ainda no mesmo módulo, realizaremos uma atividade impressa a fim de estudar as estratégias do parafraseamento empregadas em textos de divulgação científica.

No quarto módulo, serão estudados alguns textos produzidos pelos alunos, em slides para que sejam identificados os recursos parafrásticos e os efeitos de sentidos provocados no texto. Após as análises, daremos início ao processo de reescrita para obtermos a produção final dos textos de divulgação científica infantojuvenil.

Concluída a primeira etapa, iniciaremos o processo de análise das produções feitas pelos discentes a fim de verificarmos os efeitos de sentidos provocados pelo parafraseamento; identificarmos as marcas linguístico-discursiva de delimitação da paráfrase e investigarmos os processos parafrásticos estudados por Hilgert (2015).

Ao tecer as análises, pretendemos identificar, na construção dos textos produzidos, o que indicou os estudos de (HILGERT, 2015, p. 261):

- a. a distribuição dos enunciados da relação parafrástica;
- b. a atuação dos interlocutores no ato de paráfrase;
- c. a semântica do fazer parafrástico;
- d. as relações entre movimentos semânticos e características formais e funcionais das paráfrases.

Buscaremos ainda, à luz da teoria do *continuum* entre gêneros, sugerida por Marcuschi (2010), identificarmos as marcas de proximidade comunicativa que possivelmente são utilizadas com a finalidade de aproximar o público leitor do texto produzido, mantendo o *continuum* entre textos orais e escritos.

Por fim, discorreremos as considerações finais do estudo desenvolvido acerca do ensino da paráfrase em textos de divulgação científica infantojuvenil, refletindo sobre os processos efetuados durante a aplicação da intervenção proposta.

Resultados Iniciais

Com a testagem piloto, foi possível averiguar, que realmente o ensino de produção de texto parafrástico se faz necessário tendo em vista que as produções dos alunos não atenderam à proposta da atividade sendo impossível a produção de paráfrases sem cópias do texto fonte. Também não constatamos a produção de paráfrase intratextual que é uma das possibilidades de garantia da progressão do texto e que nos possibilitaria realizar a análise das relações parafrásticas no texto.

Para a análise diagnóstica foram selecionadas 2 amostras das 21 coletadas porque estas refletem o perfil que constatamos na maioria dos textos produzidos pela turma. Ambas conseguiram desenvolver paráfrases simples que não foram além da substituição de palavras por sinônimos, quase que copiando todo o texto base.

Na amostra 1, constatamos substituição de cinco palavras como tentativa de inserir um léxico próprio ou até mesmo aproximar o texto do vocabulário mais usual. As substituições foram: “é preciso” por “é bom”, “forma sintetizada” por “forma esclarecida”, “o lixo corresponde” por “o lixo responde”, “atividades humanas” por “humanidade” e “ter várias” por “ter muitas”.

Como as tentativas de paráfrases ocorreram apenas com a substituição de léxicos, ao nosso ver, essas investidas nem sempre se mostraram adequadas ao contexto, como por exemplo a troca de “sintetizada” por “esclarecida” que parecem-nos ser coisas opostas. No mais, observamos que o aluno buscou selecionar informações fazendo cortes de expressões, que em algum momento dificulta compreensão tornando-a confusa. Em suma, o texto parafraseado segue basicamente com a mesma estrutura, a mesma ordem de disposição dos termos e sem criatividade parafrástica.

Na tentativa de paráfrase da amostra 2, mais uma vez ocorreram cinco substituições de palavras, estas adequadas ao contexto. Foram elas: “compreender” por “entender”, “sintetizada” por “resumida”, “entrou em desuso” por “não usamos”, “o lixo” por “ele” e “resíduos” por “lixo”. Ainda com a intenção de não copiar o texto matriz na íntegra, a parafraseadora também retirou de alguns termos, que para ela não prejudicaria a compreensão. Estruturalmente, o texto parafrástico tem a mesma composição do texto matriz, não apresentando criatividade parafrástica.

Nesse sentido, ambos os textos apresentaram-se como tentativas de paráfrases reprodutoras, pois houve simplesmente a preocupação em substituições semânticas da sinonímia, repetindo quase que literalmente o texto fonte. Contudo, podemos dizer que todo o conteúdo do texto original está mantido no texto derivado, pois os alunos consideraram que para parafrasear bastava-lhes a troca de algumas palavras por outras de seu uso e a omissão de expressões.

Com isso, percebemos a fragilidade da compreensão leitora e da capacidade de reformulação textual, pois as expansões parafrásticas não foram possíveis revelando que os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, ainda precisam de um investimento em práticas de produção de textos de caráter reformulativo.

Discussão

A corrente pesquisa, já qualificada, encontra-se em processo de elaboração e continuidade da aplicação da sequência didática. Resta-nos, após execução da sequência planejada, revermos as possíveis inserções teóricas, para conseguirmos atingir os objetivos da intervenção e das análises desse estudo.

Conclusões

Buscamos nesta pesquisa uma investigação da paráfrase que aponte o relevante papel que esse recurso assume no texto e a relação dos processos parafrásticos que ampliam a progressão do discurso, posto tratar-se de uma atividade interativa. Neste ínterim, acreditamos que o trabalho com leitura e produção de texto de divulgação científica infantojuvenil possibilite o desenvolvimento da capacidade expositiva que favoreça a aproximação entre interlocutores.

Referências

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Terceiro e Quarto Círculo do Ensino Fundamental: Língua portuguesa. Brasília: Secretaria do ensino fundamental, MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – língua portuguesa, v. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: SHNEUWLY, B., DOLZ, J. (org). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004, p. 81 – 108.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O & AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 5º. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FRANCO, M. A. S. **Pedagogia da Pesquisa-ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, V.31 n.3, p.483-502, set/dez. 2005.

HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In. PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**, 4º ed. São Paulo. Humanistas,1999. p. 103-127.

_____. A oralidade em textos de divulgação científica para crianças. In. JUBRAN, C. C. A. S; KOCH, I. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil Construção do texto falado**. V. 1. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

_____. A oralidade em textos de divulgação científica para crianças. In. PRETI, Dino (org.). **Oralidade em textos escritos**. São Paulo. Humanistas, 2009. p. 217-248.

JUBRAN, C. C. A . Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 48, n. 1. 2006. p. 33-41.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. **Linguagem da imediatez**- Linguagem da distância: Oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Tradução: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. *Linha d'Água*, n. 26 (1), p.153-174, 2013.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PRETI, Dino. (Org). **Fala e Escrita em questão**. 3 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.

_____.(Org). **Oralidade em textos escritos**. São Paulo: Humanistas. 2009.